

# A natureza ri da cultura

Milton Hatoum  
Para Benedito Nunes

Quando vi Felix Delatour pela primeira vez, à porta de um pequeno sobrado neoclássico no centro de Manaus, não sabia que aquele encontro seria para mim uma grande descoberta: viagem inicial em torno de um texto cuja leitura me parece até hoje enigmática.

Para comentar esse encontro com Delatour, devo dar uma volta pela minha infância em Manaus, e recordar a voz de Yasmine, a matriarca da casa. Eu escutava Yasmine cantar e rezar, não em árabe, sua língua materna, mas em francês, sua língua adotada. De vez em quando a voz de Yasmine era abafada por uma outra mais grave, mais incisiva, a do almuadem: voz do muçulmano da família que falava mais alto, como se quisesse neutralizar a presença do colonizador francês em plena Amazônia. Mas a voz de Yasmine, o som mais que o sentido, parecia-me mais convincente: nas noites de insônia da infância ela latejava na minha memória, e eu repetia mentalmente uma palavra ou um pedaço de frase, como um infante que, encantado com uma reza ou um canto, se entrega a uma aprendizagem litúrgica, a um culto privado de que só nós dois participávamos.

Não era apenas a voz de Yasmine que contrariava o patriarca da casa: ela (Yasmine) cultivava amizades estranhas: estrangeiros do Ocidente que tinham uma expressão esnobe de cidadãos do mundo, gentes que viviam à margem da sociedade provinciana e frequentavam os salões de festa dos transatlânticos que atracavam no Manaus Harbour e bebiam e dançavam como se estivessem em algum hotel particular perto da ponte Alexandre III. Mas entre esses amigos esquisitos havia um ou dois que ela citava com frequência. Ontem conversei com o senhor Verne. Ele é muito imaginoso, tem o jeito de um dândi e já morou em Dakar, Caiena e Macau antes de aportar em Manaus, me dizia Yasmine. O senhor Verne falava vários idiomas e era um estudioso das línguas indígenas.

\* Romancista amazonense .  
Autor de *Relato de um certo Oriente*; *Dois irmãos*; *Cinzas do Norte*; *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*. Essa, escrita com Benedito Nunes, em 2006.

Em Manaus, ele se empenhava na execução de um curioso trabalho filantrópico que consistia no que ele chamava de anti-catequese: insuflar (discretamente) os índios contra os padres e patrões e promover a cultura indígena. Para tanto, ele fundou uma certa “Sociedade Montesquieu”, de duração efêmera, cuja finalidade era “educar para libertar”. Yasmine comentava também as proezas de Felix Delatour: um bretão circunspeto, quase albino, e que sofre de uma enfermidade rara: o gigantismo. Não é fácil falar com ele, porque vive trancado numa sala e não recebe alma viva, informou Yasmine.

Os conhecidos esnobes de Yasmine nunca me interessaram; na verdade, eram seres invisíveis, ou melhor, era possível encontrá-los nos clubes ingleses da cidade ou a bordo do Cyril e do Hildebrand. Mas esses dois, Delatour e o senhor Verne, me aguçaram a curiosidade.

Numa manhã de chuva torrencial, uma dessas manhãs manauaras que parecem infundáveis, Yasmine me disse: Já que pretendes estudar francês, deves visitar o Monsieur Delatour amanhã mesmo, de tardinha.

Depois, com um sorriso enigmático, completou: É o francês mais excêntrico do Amazonas.

Anos mais tarde, descobri que a palavra excêntrico era a mais exata para evocá-lo. No primeiro contato ele foi lacônico. Aconteceu no entardecer de um dia de julho de 1959: o adolescente tímido e franzino dirige-se a uma pessoa idosa e diz com uma voz trêmula: Yasmine me disse que Monsieur Delatour leciona francês...

Apenas pude ver um pedaço do seu rosto na porta entreaberta. Ele me olhou por um momento, depois uma voz rouca disse: Amanhã de manhã, antes das sete.

Ao retornar na manhã do dia seguinte, notei que a porta estava aberta; pouca coisa pude observar na sala sombria do sobrado em que ele morava. Aquela sala era um espaço misterioso que ele sempre evitava frequentar. Desde o primeiro dia, e assim durante seis ou sete meses, só conheci o andar superior do sobrado: uma sala avarandada, de onde se podia contemplar um horizonte de águas escuras interrompido por uma paisagem de palafitas. Na sala havia apenas uma mesa de madeira e duas cadeiras de vime. Quatro livros abertos e quatro lápis vermelhos estavam dispostos sobre a mesa. Um mapa-múndi fixado na parede era a única imagem de um espaço que hoje ressurgiu na minha memória como uma câmara de luz intensa.

Nos dias e meses que se seguiram, Delatour falou sobre a língua francesa, e quando lhe fazia uma pergunta sobre um item gramatical ou um exercício da escola, ele fazia uma expressão de enfado e desviava a conversa. O que lhe interessava eram as viagens, as muitas viagens que fizera durante a vida. Ele deixara a Bretanha há muitos anos para morar no outro lado da Terra. Seu desejo era descobrir o Amazonas, partir, sempre em busca do desconhecido. Como alguém que tem sede de espaço ou um botânico que passa a vida na floresta pesquisando polens e tecidos vegetais, pensei.

Um dia perguntei se ele conhecia o dialeto bretão ou uma das tantas línguas indígenas do Amazonas. Vi o seu rosto branco e um pouco rechonchudo ruborizar (um rosto sem rugas, com uma barba rala e esbranquiçada, e os olhos

azulados que ao fitar uma pessoa durante uma conversa pareciam expressar uma dúvida ou indagação), e subitamente ele se levantou, foi até a varanda, e, de costas para o rio, disse: Yasmine me confundiu com Armand Verne. Ele, sim, é um linguista aplicado e tutor dos nativos. Verne pensa que pode promover a cultura indígena elaborando cartilhas bilíngues. Monsieur Verne comete um equívoco: não se pode dominar totalmente um idioma estrangeiro porque não podemos ser totalmente Outro. Um pequeno deslize no acento ou na entonação já assinala uma distância entre os dois idiomas, e essa distância é fundamental para mantermos o mistério da língua nativa, prosseguiu Delatour, sem esconder na fala um forte sotaque que reiterava a sua afirmação. Minha timidez não me impediu de lhe fazer outras perguntas: Por que tinha vindo ao Amazonas? Por que morar em Manaus, essa cidade ilhada e talvez perdida?

Ele olhou para o mapa-múndi, apontou para uma região da França: Ali reside uma infância, disse.

Ali, onde? perguntei.

No Finistere, num vilarejo ilhado e talvez perdido. Alguém, um viajante que andou pela Amazônia, me deu de presente o mapa desta região. E os mapas, como tu sabes, fascinam as crianças, são desenhos misteriosos que as convidam a fazer viagens imaginárias. Os périplos da minha infância, irreais como os sonhos, começaram nos limites do quarto fechado, à espera do sono, não longe do mar e das falésias abruptas da Bretanha.

Por um certo tempo não tocamos nesse assunto. Às vezes, nada falávamos: na sala branca, iluminada pelo sol da manhã, escutávamos o ruído dos barcos, monótono, insuportável. Enquanto eu pensava em alguma pergunta ou dúvida, ele lia um livro e fazia anotações com um lápis vermelho. Nem o rumor de um motor nem o calor matinal o incomodavam. Tinha diante de mim um leitor que parecia dialogar com o texto, ou seja, um verdadeiro leitor, e isso, para mim, era uma novidade, uma descoberta.

Numa dessas manhãs em que não conversávamos, alguém bateu à porta. Delatour desceu para ver quem era, e depois escutei a voz de uma mulher. Passei a folhear um dos livros abertos, mas antes tive o cuidado de memorizar a página que ele estava lendo. A voz da mulher no interior da casa me deixou curioso, e quando Delatour voltou à sala, eu fiz menção de partir. Não é uma visita convencional, disse ele. Conheces a índia Leonila? Ela passa por aqui uma vez ao mês. Pede para entrar, observa os livros da biblioteca, cochila um pouco na rede do meu quarto e vai embora sem me avisar. Ela anda descalça, veste sempre a mesma roupa, pode ser confundida com um mendigo qualquer. Mas é uma mulher que conhece a história de sua tribo. Certa vez, sem que eu lhe pedisse, ela começou a falar sobre isso: a história, a violência, os mitos... Verne também aprendeu muito com ela, mas Verne insiste em querer falar por ela. Alguma coisa havia entre Felix Delatour e Armand Verne, mas não quis abelhudar. Yasmine nada me contou a esse respeito, apenas disse: Verne viaja no espaço, Delatour no tempo.

Na manhã da visita de Leonila, ele notou que eu estava folheando um livro, e então passou a ler em voz alta poemas de Verlaine. Depois pedia para que eu os recitasse sem imitar seu sotaque.

Alguma coisa havia entre Felix Delatour e Armand Verne, mas não quis abelhudar. Yasmine nada me contou a esse respeito, apenas disse: Verne viaja no espaço, Delatour no tempo.

Na manhã da visita de Leonila, ele notou que eu estava folheando um livro, e então passou a ler em voz alta poemas de Verlaine. Depois pedia para que eu os recitasse sem imitar seu sotaque.

Não consigo entender muita coisa - disse-lhe com um pouco de apreensão.

Por enquanto, isso é o de menos - afirmou. - O que importa, agora, é encontrar uma outra voz de Verlaine ou apenas captar o ritmo e a melodia de cada verso. - Virou o rosto para a varanda. Disse: Numa primeira mirada a floresta é uma linha escura, não se consegue assimilar muita coisa. Mas no meio da escuridão há um mundo em movimento, milhões de seres expostos à luz e à sombra.

Depois Delatour citou como exemplo o mapa da Amazônia que o fascinara na adolescência. Para ele, a floresta era um mundo quase inverossímil, e por isso mesmo fascinante. Ele chegou a construir uma floresta em miniatura, estriada por uma teia de rios, afluentes e braços de afluentes cujos nomes de origem indígena ele afirmava pronunciar como um bárbaro.

A imaginação se nutre de coisas distantes no espaço e no tempo - afirmou, como se falasse para si mesmo.

Ele fez esse comentário pouco tempo antes de eu partir de Manaus. Quando soube que eu pretendia viajar para o sul do Brasil, ele ficou entusiasmado e falou certas coisas que eu nunca esqueci.

A viagem - disse Delatour - , além de tornar o ser humano mais silencioso, depura o seu olhar. A voz do verdadeiro viajante ecoa no rio silencioso do tempo.

Ao ouvir essa sentença do meu professor, percebi que as grandes viagens que ele mencionara não se referiam a uma vida rastreada de aventuras, como a do viajante seduzido por um mistério intransponível, e sim da aventura do conhecimento, como alguém que viaja para aprender, e aprende para lembrar. Manaus e seu histórico teatro.

Uma semana antes do meu embarque para o Rio de Janeiro, ele me deu uma plaquete em cuja capa se lê *Reflexion sur un Voyage sans Fin*<sup>1</sup>.

Comecei a escrever essa coisa no Finistere e terminei aqui em Manaus - disse Delatour. Lançou um olhar irônico para mim e acrescentou: Quase vinte anos para escrever isso, três páginas por ano, poucas frases por dia. Essa foi a minha grande viagem.

Na manhã em que me entregou a plaquete, ele não conseguiu esconder uma expressão de desânimo, talvez fadiga. Duas semanas depois, nos despedimos no porto de Manaus, ainda de madrugada, na presença de Yasmine e de seu irmão Hakim. Perguntei a Yasmine se Armand Verne realmente existia ou se ele era uma invenção da

“Sociedade Montesquieu” . Verne é visível ou é apenas uma brincadeira de Yasmine, perguntei. Yasmine sorriu para Delatour, e tio Hakim prometeu que um dia me contaria essa história. Posso te adiantar que ele é um viajante incansável, ou melhor, um andarilho que coleciona lendas e mitos do Amazonas, disse Hakim.

<sup>1</sup> Editora Palais Royal, Manaus, sem data.

Pouco depois, escutamos o som grave e breve de uma sirene, e observamos a bordo o vaivém dos estivadores e marinheiros. A quilha do Neptuno ainda era uma sombra mais impressionante do que as outras. As gruas do cais flutuante estavam iluminadas, e, na escuridão ainda espessa, pareciam soltas no espaço, como gigantescos tentáculos de luz. Luar não havia, nem vento. Talvez um leve sopro, úmido, vindo do fim da noite. Era uma noite de adeus.

Com uma voz grave, apontando para a plaquete, meu professor sentenciou: É o ritmo da frase que deve causar espanto.

A bordo do Neptuno, e já perto do Recife, comecei a ler o escrito de Delatour. Naquela época me pareceu um texto estranho, mas o leitor de 1959, a bordo do Neptuno, não é o leitor de 1981. Hoje, depois de o reler tantas vezes, soa como um Manaus manifesto poético sobre a alteridade. Essa Viagem sem Fim evoca passagens da vida de um personagem que abandona um país europeu para morar numa região equatorial. Com o passar do tempo, esse personagem assimila algo do Outro, e percebe, com uma certa apreensão, que o estigma de sua condição de estrangeiro já é menos visível: algo no seu gesto ou na sua voz se turvou, perdeu um pouco do relevo original. Nesse momento, as origens do estrangeiro sofrem um abalo. A viagem permite a convivência com o outro, e aí reside a confusão, fusão de origens, perda de alguma coisa, surgimento de um outro olhar. Viajar, pergunta o personagem de Delatour, não é expor-se ao ritual do canibalismo? Todo viajante, mesmo o bem-intencionado ou que se pretende neutro, corre o risco de julgar o Outro: consciente ou não, intencional ou superficial, este julgamento quase sempre deforma o rosto alheio, onde se projetam os horrores e as taras de quem observa.

A viagem mais fecunda, diz o personagem, é a que desvela a face dissimulada e obscura do porto de origem: é essa paisagem familiar que abriga a nossa discórdia com o mundo. O prazer da viagem é efêmero porque permeado por um sentimento de perda: a sensação de liberdade na terra estranha é a revelação de algo que nos falta, algo que procuramos no porto do passado. Talvez por isso o personagem de Delatour viaja para descobrir a si mesmo. Esta descoberta, que é também busca e extravio, não exclui a imagem que o narrador-viajante constrói do Outro: imagem fugidia ou esfumada, mas de alguma forma presente na visão de quem navega em águas estranhas.

O viajante, no convívio com o Outro, passa a privilegiar o olhar, pois é no silêncio do olhar que tudo acontece: o desejo de possuir e ser possuído, a entrega e a rejeição, o temor de se perder no Outro. O silêncio do olhar fabrica uma imagem que a memória, ao longo do tempo, pode evocar, perder, reinventar.

De onde parte o personagem - viajante de Delatour? De Cancale, na Bretanha: “um porto tão estranho que ninguém ou quase ninguém é capaz de deixá-lo”. Em Cancale começa a travessia do Atlântico, uma travessia tempestuosa que termina num porto também estranho do hemisfério sul: um lugar sem nome, ilhado, habitado por pessoas que parecem resignadas ao confinamento e à clausura.

Na passagem mais enigmática do texto de Delatour o narrador, ao evocar esse porto, acaba inventando uma linguagem. O ritmo da frase se altera bruscamente e a voz do personagem torna-se uma confusão de neologismos e

injúrias que beiram a bestialidade: a voz do narrador-viajante lembra a de um louco vociferando em várias línguas<sup>2</sup>. São apenas doze linhas que destoam desse manifesto poético, como uma breve festa de sons: um ruído no meio de uma noite serena. Por causa desse trecho, renunciei à tradução dessa Viagem sem Fim.

Quase vinte anos passaram entre o primeiro encontro com Delatour e o meu regresso a Manaus. Eu o procurei por toda a cidade, em vão. Yasmine, com uma voz fraca que parece um sopro, me diz que em janeiro de 1978 ele enveredou rio acima, até alcançar o Cassiquiare, que liga a bacia do Orenoco à do Amazonas. Nenhuma pista sobre seu destino obtive no consulado da França em Manaus. O sobrado em que ele morava, numa das alamedas que desembocam no rio Negro, encontra-se abandonado. Creio que em poucos meses será um sobrado em ruínas: raízes de apuizeiro destroem a estátua de uma Diana e ameaçam uma parede que um dia já foi branca. Na parte térrea, crianças imundas e miseráveis cheiram cola, e com pedaços de carvão traçam garatujas na mureta que contorna o pátio. Um cheiro de podridão e excremento exala do interior da casa.

No verde desbotado da fachada leio uma frase curiosa, escrita a cal: A natureza ri da cultura.

Agora já amanhece: posso ver crianças amontoadas, dormindo no piso do pátio, solidárias e tristes no chão úmido da casa abandonada.

Ao divisar a varanda que dá para o leste, posso também imaginar Delatour contemplando o horizonte aquático no amanhecer neblinoso, como alguém que se deixa levar pela lenta correnteza de um rio.

Ali, o tempo flui como a imagem de um sonho: flui no pouco da noite que resta e no instante de luz que anuncia a manhã.

Antes de me afastar do sobrado, percebo que uma das crianças que rabiscava na mureta do pátio me olha com apreensão. Calada, imóvel, com o pedaço de carvão na mão direita, ela parece surgir desse crepúsculo da madrugada. De soslaio, a criança me olha ou finge olhar para mim. Este olhar me paralisa e causa espanto. E, à semelhança do texto de Delatour, parece afirmar algo assim: somos alguma coisa essencialmente misteriosa, como aquele mapa que nos fascinou na infância.

<sup>2</sup> Nessa passagem do texto de Delatour, a linguista Odile Lescure, pesquisadora da ORS-TOM, encontrou referências dialetais usadas por índios e caboclos do Amazonas. Na verdade, são “transcrições” de palavras e expressões das línguas nheengatu e baniwa faladas nos rios Negro e Içana.